



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ITHAMARA RAQUEL ANDRADE SILVA

**AS DIFICULDADES DAS AULAS DE BALÉ CLÁSSICO NO ÂMBITO  
ESCOLAR DO ENSINO REGULAR PRIVADO**

Natal, RN

2018

ITHAMARA RAQUEL ANDRADE SILVA

**AS DIFICULDADES DAS AULAS DE BALÉ CLÁSSICO NO ÂMBITO  
ESCOLAR DO ENSINO REGULAR PRIVADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira

Natal, RN

2018

ITHAMARA RAQUEL ANDRADE SILVA

**AS DIFICULDADES DAS AULAS DE BALÉ CLÁSSICO NO ÂMBITO  
ESCOLAR DO ENSINO REGULAR PRIVADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
a Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte, como parte das exigências para a  
obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Aprovado em \_\_/\_\_/2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira (Orientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marineide Furtado Campos (Examinadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Renata Celina de Moraes Otelo (Examinadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

*Então o ensino da dança na escola não deve fixar-se na formação de bailarino, mas se relacionar imediatamente com a vida das crianças, como parte integrante da educação delas.*

*Márcia Strazzacappa e Carla Morandi*

*O que se faz agora com as crianças é o que elas farão depois com a sociedade.*

*Karl Mannheim*

## RESUMO

Por muitos anos, o balé clássico tem sido uma prática de dança requisitada pelas escolas. Com sua estética, beleza e qualidades, essa dança tem se desenvolvido e se mantido firme nas redes de ensino privado regular da cidade de Natal-RN, apesar das constantes procuras por tal prática, grandes também são as dificuldades que surgem em torno de todo esse repertório técnico de ensino. Portanto, através desse artigo serão abordadas e discutidas as dificuldades que os professores dessa dança enfrentam ou ocasionam, perante a escola privada, tendo por objetivo apontar essas problemáticas e levantar soluções alternativas, propondo métodos e estratégias que auxiliem esse ensino e facilite a apreensão dos alunos durante os períodos de aula. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa que foi realizada sobre a forma de estudo de caso e revisão bibliográfica, tendo ainda as entrevistas como instrumento de coleta de dados. O artigo traz também como base as vivências da autora e de alguns professores entrevistados, bem como, uma reflexão acerca do ensino de Balé Clássico oferecido nas escolas privadas da rede de ensino regular.

**Palavras Chaves:** Balé, Ensino, Escola Privada, Problemáticas.

## ABSTRACT

For many years, classical ballet has been a dance practice required by schools. With its aesthetics, beauty and qualities, this dance has developed and remained firm in the networks of regular private education in the city of Natal-RN, despite the constant search for such practice, big it is also the difficulties that arise around this technical repertoire of teaching. Therefore, through this article will be approached and discussed the difficulties that the teachers of this dance face or cause before the private school, aiming to to point problems and to raise alternative solutions, proposing methods and strategies that this facilitate the students apprehension of the during the periods of class. It is a descriptive research, with a qualitative approach that was carried out on the form of case study and bibliographic review, and the interviews as an instrument of data collection. The article brings also based on the experiences of the author and some teachers interviewed, as well as a reflection on the teaching of Classical Ballet offered in the private schools of the regular education network.

**Key words:** Ballet, Teaching, Private School, Problems

## SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT .....	5
PRÓLOGO .....	7
Breve histórico sobre o balé.....	7
Cena 1: BALÉ e ENSINO: A importância e as dificuldades dos primeiros anos de aprendizagem do Balé.....	11
Cena 2: O BALÉ e a ESCOLA: Um lugar de grandes barreiras. O que o Balé Clássico representa para as escolas?.....	15
Cena 3: RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E RELAÇÃO GESTÃO ESCOLAR – PROFESSOR.....	22
ÚLTIMO ATO .....	23
REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE– Questionários com as professoras de balé .....	27

## PRÓLOGO

O estudo aponta e levanta algumas das problemáticas do ensino do ballet na rede privada do ciclo básico da educação, bem como indica alternativas para se pensar e trabalhar essa dança na escola de forma que o processo de aprendizagem seja focado no sujeito aprendiz, buscando caminhos que se conectem com a prática da dança reflexiva, participativa onde se pode estimular a criatividade da criança. A metodologia usada é descritiva, e apoia-se uma abordagem qualitativa, que foi realizada sobre a forma de análise de documentos e revisão bibliográfica, as coletas de informações através das entrevistas forneceram subsídio para o diálogo com o referencial teórico.

Mas, em meio a essas dificuldades, questiono, quais estratégias podem ser utilizadas para a oferta do ensino de Balé Clássico na escola? Qual nível qualitativo desse ensino pode ser alcançado? Quais pré-conceitos e tabus giram em torno dessa dança na escola? É possível ensinar essa técnica dentro do calendário escolar em meio a todas as festividades presentes (período junino, dia das mães, pais, avós, folclore, carnaval, natal, etc.)?

Essa pesquisa visa à reflexão do tema abordado e discutido, trazendo alternativas e soluções possíveis para os problemas em que se refere no ensino do balé nas redes privadas. O trabalho também contribuirá para futuros professores da área de dança, bem como outros professores que também enfrentam dificuldades na sua área de ensino, podendo utilizar-se de algumas soluções para desenvolver com seus estudos. O que se pretende com esse estudo é discutir esses problemas enfrentados pelos professores de Balé e repensar o balé clássico como muitas vezes o único viés de dança dentro do ambiente escolar.

### Breve histórico sobre o balé

Balé é uma palavra francesa derivada do italiano "*ballare*" que quer dizer dançar, bailar. O Balé Clássico ou dança clássica tornou-se, no decorrer da

história, o primeiro estilo de dança a alcançar reconhecimento popular, como forma de arte internacional (AMARAL apud STEVENS,1977).

A partir da Renascença do século XVI, o balé começou a se delinear na Itália, tendo na França seu apogeu. Enquanto um movimento artístico e social, o Renascimento deu à dança grande desenvolvimento, sendo uma nova concepção de mundo que apresentava um pensamento mais crítico, especialmente, nos planos artístico, cultural e filosófico, e assim, a influência de outras manifestações artísticas como a poesia, a literatura, a música e a pintura emolduraram o desenvolvimento do balé. As apresentações, nessa época, ao mesmo tempo em que serviam de divertimento nas festas nos salões da elite, eram oportunidades em que se definiam as posições sociais, celebrando-se as relações de poder (GITELMAN, 1998), sendo a dança da corte uma "[...] metáfora das relações políticas e sociais de uma trama bem ajustada de hierarquias" (PEREIRA, 2006, p. 175), que se estendeu pelos séculos XVI e XVII, passando do religioso ao político o cunho da dança.

Foi com o rei Luiz XIV, conhecido como Rei Sol, que surgiu a primeira escola de ballet, a Academiã Real de Balé, fundada em 1661. De acordo com Borges (2012), o título de Rei Sol foi atribuído ao rei pelo seu papel de sol no *Le Ballet Royal de La Nuit*, em 1653. O jovem rei Luís XIV (1638 -1715) tornou-se um exímio bailarino de balés de corte, gênero que antecedeu o balé de ação (Amaral apud Stevens,1977, p.22). Na França, Pierre Beauchamps, um dos fundadores da dança clássica, foi responsável por desenvolver as cinco posições dos pés, que se tornou a base de todo o aprendizado acadêmico do Ballet Clássico, e teve um papel importante na codificação e elaboração dos passos da técnica.

O período romântico do século XIX revelava fascínio pelo sobrenatural, pelo exótico e pela fantasia. Nas imagens da dança, faziam-se presentes os contos de fadas e os romances melodramáticos e até pornográficos, que refletiam devaneios, angústias, ambiguidades psíquicas e sexuais. Os coreógrafos buscavam a magia, acentuando, sobretudo, os aspectos emocionais e intuitivos da natureza humana, em detrimento do aspecto racional. O romantismo exaltava a mulher, não tanto em sua condição de mãe,



esposa ou amante, mas como uma representação do inacessível, do ideal sonhado pelo homem, que está disposto a sacrificar sua vida por isso (HANNA, 1999).

O Brasil teve seu primeiro contato com o balé com a vinda da corte de D. João VI. O casamento de D. Pedro foi celebrado com um balé alegórico, em 1818, no Rio de Janeiro nos moldes dos espetáculos europeus do século XVIII (CARVALHO *apud* PORTINARI, 1989). Segundo Carvalho (2005), O balé passou a ser visto como arte no Brasil apenas no início do século XX, com a vinda de companhias internacionais, como *Les Balles Russes*, de Diaghilev e com a apresentação da estrela Nijinski, e depois, com a companhia de Ana Pavlova. Também marcou presença por aqui a bailarina Isadora Duncan, com muito sucesso.

Desde o século XIX o Brasil recebia bailarinos, coreógrafos e professores de companhias estrangeiras que se apresentavam em seus teatros (PEREIRA, 2003; CAMINADA, 1999). Mas, sem dúvida, foi no início do século seguinte que a dança teatral começou a criar raízes no país e a desenvolver-se de forma significativa.

Incentivada por Mário Nunes, crítico de teatro do Jornal do Brasil, Maria Olenewa edificou seu sonho, no dia 11 de abril de 1927, quando deu a aula inaugural na sala que seria o embrião do Corpo de Baile do Theatro Municipal. Estava fundada a primeira escola de dança no país! Paralelamente à escola de dança do Theatro Municipal havia na cidade algumas iniciativas privadas que cabem aqui serem ressaltadas. Nas décadas de 20 e 30, sabe-se que duas professoras ministravam aulas de balé em clubes da cidade. Eram elas: Naruna Corder e Klara Korte. Declaradamente, ambas nunca tiveram a intenção de formar bailarinas profissionais, mas sim, promover aulas de postura e etiqueta para moças de elite da cidade. Ao encerrar suas atividades, em 1954, Klara Korte declarou: "Nunca fui profissional e nunca pretendi formar profissionais. A única coisa que eu pretendia era dar às meninas amor pelos exercícios físicos e gosto pelo ballet" (SUCENA, 1988, p. 122).

Hoje, com mais de 500 anos de história, é uma das danças mais propagadas e praticadas, dificilmente alguém já não tenha ouvido, visto, falado,

imaginado ou tenha a noção do que seja essa dança. Um código que tem se mantido vivo durante muitos séculos e que tem ganhado força não só nos ambientes escolares, mas também em companhias artísticas de dança e escolas técnicas. Por ser tão difundida, alguns coreógrafos, diretores, bailarinos de outros estilos utilizam-se dessa técnica como método de treinamento corporal em suas aulas, como um preparo físico.

Apesar de o Balé clássico ser uma linguagem com organização sistêmica e com grande eficiência, não se enquadra, no entanto, como base técnica comum necessária para todas as outras técnicas de dança. Cada estilo adota seu método, seu modo de se mover, se estruturar, e as necessidades de cada corpo que dança, pois ao se afirma isso, estamos reforçando o pensamento errôneo de que o balé é base inicial para o aprendizado de dança, e que a dança começa através do balé, pois reforçar esse pensamento é um pré-conceito sobre os demais códigos, pois cada técnica de dança já é autossuficiente.

Não existe uma única maneira para se aprender a dançar, existem várias vertentes dentro de cada dança para um ensino pedagógico eficiente, pautado no aluno, visando trabalhar os movimentos corporais que possibilitem aos participantes se comunicarem, desenvolverem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.

### **E nas escolas (particulares), como é essa dança?**

Ao longo dos anos com todo esse crescimento, muitas escolas do ensino regular privado da cidade de Natal no Rio Grande do Norte tem adotado essa técnica como modalidade esportiva e artística do seu currículo escolar. Essa adesão a técnica do balé vai desde a escolinha do bairro mais simples até às escolas de grande porte e nessa grande oferta e procura, surgem muitas problemáticas, como o descuido ou despreparo nas aulas, o equívoco da quantidade de informações passadas e cobrada das crianças, a desvalorização da dança reflexiva e crítica, a comercialização dessa dança, que por sua vez podem ser ou não causadas pelo professor, como também, podem ser ocasionadas pela instituição de ensino.

### **Cena 1: BALÉ e ENSINO: A importância e as dificuldades dos primeiros anos de aprendizagem do Balé**

Em qualquer disciplina, os anos iniciais são os mais importantes, é necessário que você aprenda o básico para que possa desenvolver e acompanhar os demais níveis. No balé clássico, não é diferente, os primeiros anos são extremamente fundamentais; nos três primeiros anos já se é possível o contato com a base da técnica do balé, que auxilia, e muito, na compreensão, execução e no ensino de toda metodologia ao longo dos estudos.

Por meio disso, se faz necessário uma atenção especial para as aulas ministradas, principalmente nessa fase inicial, na qual muitas crianças estão conhecendo esse código, as qualificações do professor são extremamente importantes, porque é nessa fase que os ossos das crianças estão em formação, e qualquer descuido ou equívoco pode acarretar em sérias lesões ou traumas, não apenas corporais, como também, coloco aqui as mentais, que, por sua vez, acabam sendo bastante prejudiciais e agravantes. Por isso, o professor precisa estar preparado para trabalhar com o corpo na fase da criança, da descoberta, seja com o balé clássico ou com qualquer outra técnica de dança.

Então, surge aí um dos primeiros problemas no ensino do balé, no âmbito escolar privado, alguns professores despreparados para ensinar nos anos iniciais da disciplina.

Ao se deparar com o balé clássico no âmbito escolar da rede privada, encontramos uma realidade muito insatisfatória, alguns trabalhos em que se nota e destacam-se pelo excesso e sobrecarga de informações impróprias para a maturidade física das crianças, descuido com o estudo decomposto do movimento, e ainda por cima, a utilização exagerada do lúdico, com a qual o balé vem sendo ensinado, criando-se então, um costume de coreografias não infantil, mas sim, infantilizadas. Na fala de uma das professoras entrevistada, é fácil identificar o comentário citado no parágrafo:

*Muitas vezes o profissional não tenta procurar um caminho diferente para encantar a criança e acaba jogando um número de movimentações inadequadas para a maturidade física ou simplesmente, como já presenciei muitas colegas de trabalho que não entendem a necessidade do desenvolvimento metodológico nas aulas de balé infantil e acaba achando que só colocar músicas da Xuxa e deixar as crianças dançarem se torna uma aula de balé. (Ana Tereza, professora2).*

Além das problemáticas abordadas na citação acima, ocorrem muitas vezes, as famosas divisões e comparações em sala de aula, em que os professores separam aqueles alunos que já tem certa disponibilidade corporal, daqueles que têm uma maior dificuldade para entender a técnica no seu corpo, ou por simplesmente, não fazerem a sequência de movimento da mesma forma como o professor pediu.

Essa ação acaba ocasionando, muitas vezes, uma repressão sobre essas crianças, impedindo-as de vivenciar as experiências de descobertas corporais, que podem ser geradas através de erros e acertos, e desenvolver uma consciência corporal, a partir da prática do balé. Além do que, as atitudes desses muitos professores acabam fazendo com que a criança se sinta inferiorizada perante os outros colegas.

Segundo Damásio (2000), durante muito tempo, dar aulas para as crianças era um caminho natural no início de uma vida profissional, em que os professores que estavam começando eram procurados para realizar essa função, como se a pequena maturidade pedagógica e, até mesmo artística, não fosse tão importante, por se tratar de um trabalho para crianças pequenas.

E, apesar de todos os discursos pedagógicos presentes na nossa atualidade, essa noção que Claudia Damásio (2000) expõe, ainda é muito presente: a ideia de que qualquer trabalho pode ser aplicado para o público infantil, e que, as mesmas aceitarão, por não entenderem como se estrutura uma aula da técnica de dança para a faixa etária delas, isso pode ser visto em algumas escolas do ensino regular privado na cidade de Natal/RN, principalmente, as escolas mais periféricas e pequenas, onde partindo da gestão escolar, não há uma cobrança para o desenvolvimento da pedagogia do ensino, porque, muitas vezes, a própria instituição não entende como funciona

um esquema pedagógico de aula de dança, e o mais agravante, é que, às vezes, nem mesmo o profissional da área sabe.

Mas então o que fazer? Não existem fórmulas prontas, quando se trata do ensino, no entanto, diversas iniciativas têm surgido e vêm sendo feitas com o objetivo de se estabelecer uma pedagogia para a dança, como por exemplo, alguns cursos de licenciaturas em dança que foram criados, visando principalmente uma formação pedagógica de futuros professores, como é o caso do curso de graduação para Dança na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); o curso da Simone Duarte<sup>1</sup>, que é uma referência no ramo de ballet em âmbito internacional, por ter desenvolvido um diferenciado sistema de ensino de balé para crianças, extremamente eficaz, entre outros cursos que tem ganhado espaço na mídia em relação ao ensino da dança para crianças. Nesses cursos, o futuro professor terá a noção de que o diálogo entre estes pequenos corpos em fase de crescimento e a dança é que se constrói esse caminho pedagógico, e que apenas os conhecimentos artísticos não são capazes de criar uma metodologia eficiente para se trabalhar as crianças.

O Balé Clássico, quando se trabalhado nas escolas com crianças pequenas, precisa está concentrado no desenvolvimento de sua estrutura sensorial, partindo do movimento do que a criança consegue e é capaz de fazer, porque muitas vezes é dentro das escolas privadas que acontece o primeiro contato da criança com a técnica da dança, e, nesse primeiro contato, é importante possibilitar o desenvolvimento de sua motricidade, levá-la a descobrir e a investigar as diversas possibilidades que essa dança possa trazer; fazer com que ela conheça seu corpo, seu espaço, o espaço do outro e, gradativamente o desenvolvimento expressivo do aluno na técnica vai crescendo, e como a primeira professora entrevistada comenta:

*É importante também que o docente entenda o tempo de cada criança, pois assim como nós adultos, precisamos de um tempo para desenvolver, compreender, executar, uma criança que está na fase*

---

<sup>1</sup> Simone Duarte é formada em Educação física e pós graduada em Neuropsicopedagogia. É criadora do método de ensino Sapatilha e autora do livro “Como ensinar e encantar crianças pelo ballet”.

*inicial vai descobrir ainda as diversas possibilidades corporais que ela pode e é capaz de alcançar. (Juliana Claudino, professora1)*

A metodologia do Balé, quando voltada para o público infantil, necessita de jogos corporais e de uma relação lúdica com o meio ambiente, no entanto, sem exageros, porque é fundamental que a criança aprenda e se desenvolva nas aulas, e o papel do professor será fundamental nesse processo. É ele que, ao olhar os movimentos da criança, criará uma ligação, um elo com a dança, estabelecendo relações entre aquele corpo e a técnica dançada, e não apenas levando a aula como se fosse um passa tempo para distrai-las, ou reprimindo-as como é visto em muitas escolas, mas estimulando-a para que ocorra uma degustação desse código, ou de qualquer código gestual dançante.

Imagem 1. Aula temática “A dona Bruxa e sua amiga Aranha” trabalho de desenvolvimento das articulações do corpo e a imaginação na escola Laura Vicunha.



Fonte: Ithamara Silva, 2018.

É necessário fazer com que as crianças consigam apreciar e conhecer o que esta dançando, desenvolvendo com elas conteúdos específicos e importantes da dança dentro do seu mundo infantil, o professor deve saber

adentrar nesse ambiente usando bastante a imaginação para cativar e envolver a criança no processo. Por isso ao tratar não só o balé clássico, mas como qualquer outra técnica de dança dentro do ambiente escolar, é importante que ocorra uma quebra dos limites que rodeiam esse aprendizado da dança, porque é fundamental que tanto aluno como professor consigam traçar um caminho visível de progressão em dança.

### **Cena 2: O BALÉ e a ESCOLA: Um lugar de grandes barreiras. O que o Balé Clássico representa para as escolas?**

O que fazer então, quando, depois de todos os preparos e estudos para se tornar docente, são criadas diversas barreiras no âmbito escolar? Sabemos que as vivências, que passamos na universidade em cursos de licenciatura, acabam sendo bem fascinantes e desafiadoras, e o ensino sobre o qual é abordado nas aulas tornam-se bem diferentes do que presenciamos nas instituições de ensino regular.

Muitas vezes acabamos vendo uma pequena parte das dificuldades do ensino nas redes escolares do Brasil, vemos alguns poucos problemas, empecilhos, e dificuldades que rodeiam esse ensino, o que acontece é que ao nos depararmos diante de uma sala de aula, cheia de alunos, a realidade é totalmente diferente, e no que tange ao ensino de Arte é ainda maior, até porque pouco dos conteúdos inerentes a esse componente curricular e em especial a linguagem da Dança é pouco trabalhado com eles. Em alguns lugares, a disciplina é tão desprezada, que acaba se tornando optativa, então os alunos não conhecem o que é arte, nem o que pode vir a ser, fazendo com que os mesmos muitas vezes estranhem o assunto.

A arte, que inclui as quatro linguagens (artes visuais, o teatro, a música, a dança), é um conteúdo obrigatório do componente curricular da educação brasileira, e deve estar presente nos currículos das escolas. Nele, a temática de dança deve ser passada e explicada para os alunos, e devemos compreender que o trabalho da dança nas escolas vai muito além de ensinar gestos e técnicas codificadas para as crianças.

Como coloca Pereira (2001, p.61):

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

No entanto, sabemos que poucas são as escolas que têm a visão de que dança é educação. O ensino das artes nas escolas ainda sofre um grande tabu e preconceitos, e os valores entre a arte e educação acabam sendo corrompido e interpretado de outras maneiras, como é o caso de que muitos diretores, coordenadores, pedagogos, professores que acreditam ser apenas com uma distração, uma atração para eventos, ou como, por exemplo, em algumas das escolas de ensino privado, a dança é vista como uma espécie de mercado. Marques e Brazil (2005) chamam nossa atenção ao que dizem, na ONG, na Escola, na fundação, no instituto ou no abrigo/reclusão, ensinar Arte tem por compromisso inicial revelar e permitir ao educando relacionando-se com valores outros, além do que imediatamente possam ser trocados por moedas, além de que seja medido em dígitos bancários, permitir ao educando, além do que se pode vender, além do que se pode comprar.

Pensando no balé clássico, muitas vezes para a escola, a prioridade não é o ensino e aprendizagem, mas sim, o capital que gira em torno da técnica da dança oferecida, relato isso pelas próprias experiências que tive nas escolas privadas em que trabalhei, e das professoras entrevistadas que também comentaram sobre esse pensamento errôneo que acaba surgindo em algumas instituições. E isso nos leva a questionar, a dança no setor privado é um processo ou um produto?

Muitas escolas acabam aderindo o balé clássico em sua instituição com o intuito lucrativo ou disciplinar, por isso, muitos professores acabam tendo dificuldade em desenvolver os conteúdos, pois à medida que se inicia o ano letivo surge problemas com a ausência de espaços físicos adequados (em alguns casos o espaço destinado para a prática é uma sala de aula comum cheia de cadeiras), entrada de novos alunos em qualquer período anual, além



de possibilitar que crianças menores de três anos participem desse código de dança que se precisa de certa motricidade. Isso acaba acontecendo porque algumas instituições não entendem que o balé ou qualquer outra dança precisa de um planejamento, um projeto, com planos de aulas bem pensados e elaborados. Esse pensamento é proveniente a ideia de que no balé é só reproduzir e imitar seguindo o professor. É como Borges (2012, p.39) afirma:

A aula de balé da escola privada segue uma sequencialidade de passos a serem executados e treinados, não estimulando investigação do movimento. A criança em vez de explorar seus próprios movimentos, precisa copiar modelos prontos de movimentação, encaixar seu corpo e seu movimento num molde codificado: “[...] pés e joelhos voltados para fora, braços arredondados, corpos magros e longilíneos são alguns dos padrões mais conhecidos e difundidos por essa técnica” (BORGES *apud* STRAZZACAPPA, 2001, p.52).

Acredito que a entrada de alunos em qualquer período seja o problema mais comum nas escolas, inclusive todas as professoras relataram passar por essa mesma dificuldade; Juliana Claudino fala que essa dificuldade atrapalha bastante suas aulas, e que a instituição geralmente não comunica a entrada dos alunos novos, ela só descobre quando entra na sala e se depara com a presença das novas crianças.

Pensar o ensino do Balé nas escolas, como não apenas uma reprodução da técnica, com movimentos codificados e como uma dança que é comercializada, para entender que existe um processo na apreensão dessa técnica, que leva o aluno a refletir as diferentes formas de dançar e executar aquela dança, ainda é muito complicado, pois para muitas escolas, o caráter dessa técnica é a criação de uma performance artística com movimentos e gestos copiados do professor, visando um espetáculo no final do ano para demonstrar aos pais o que aquela criança aprendeu ou decorou.

E apesar de alguns docentes já entenderem que é necessário trabalhar os conteúdos do balé numa perspectiva mais abrangente e livre, fornecendo a criança o acesso e desenvolvimento dos movimentos no seu próprio corpo, entendendo que essa dança é “Encarregada de não reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento [...]” (BORGES *apud* BRASIL,

1998a, p. 71), muitos ainda acabam tendo que enfrentar as represarias criadas, até de forma inconsciente, pela escola, que exige dos professores demonstrações de partituras coreográficas, em várias datas comemorativas e períodos festivos, como é o caso do dia das mães, dia dos pais, dia dos avós, páscoa, aberturas de jogos internos, festividades juninas e comemorações natalinas, onde são obrigados a participarem. Como nas imagens a seguir, todas foram em datas comemorativas e em todas fui obrigada a participar.

Imagem 2. Apresentação das alunas do balé da Escola Pinheiros na festividade junina.



Fonte: Ithamara Silva, 2018.

Imagem4 . Apresentação da data comemorativa do dia dos pais no Centro Educacional Positivo (CEP).



Fonte: Ithamara Silva, 2016.

Imagem 5. Apresentação do dia das mães Colégio Pinheiros.



Fonte: Ithamara Silva, 2018.

Imagem 3. Apresentação no Teatro Alberto Maranhão



Fonte: Ithamara Silva, 2016.

Em uma das escolas que trabalho é desenvolvido, com as crianças, um espetáculo de acordo com o tema gerador escolhido pela instituição no seu projeto pedagógico, mas não são todas as escolas que entendem ou aceitam esse trabalho de espetáculo final, como encerramento, tem escola que optam apenas por uma apresentação natalina, e quando falo sobre o espetáculo no final de ano, não abordo a ideia de escolher um tema qualquer e jogar para as crianças dançarem, como já presenciei em uma escola que trabalhei, abordo ele aqui, como um meio de finalização das temáticas desenvolvidas com as

crianças, durante todo o percurso anual, na qual a criança não mostrará apenas os movimentos que descobriu em seu corpo, mas as ideias e entendimento que criou-se durante todo esse tempo. Mas para se alcançar essa ideia de trabalho final com as crianças, o que é preciso?

Para mudar esse pensamento que permeia a dança nas escolas, será preciso mudar a forma como se ensina essa dança nas instituições. É necessário que, na escola, as aulas de balé não sirvam apenas para priorizar a execução e a memorização de passos feitos perfeitamente corretos, mas, que o movimento seja construído nos discursos que cada aluno trás no seu corpo, possibilitando que o aprendiz o leve a novas descobertas e possibilidades que, muitas vezes, são reprimidas e freadas por um ensino errôneo da técnica do balé. De acordo com Borges (2012, p.51):

Estimular uma prática de dança onde se tenha uma meta para alcançar virtuosismo ou eficiência atrelada à subserviência a um fim estético pré-definido pode não estar contribuindo para o desenvolvimento reflexivo do aluno.

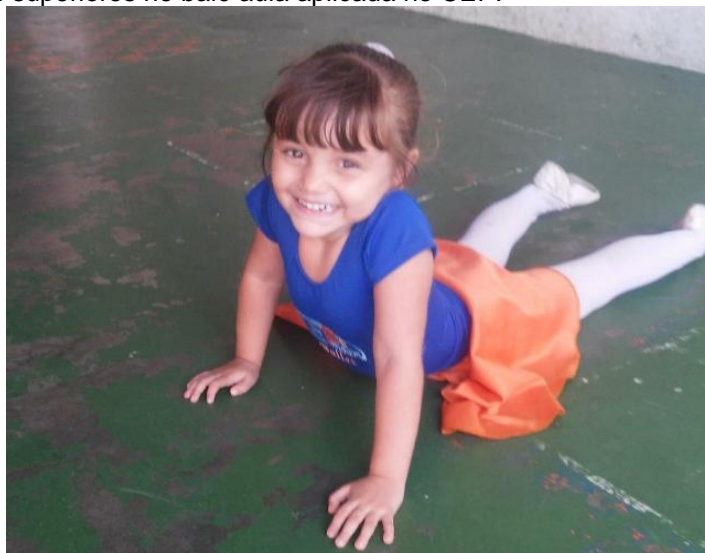
Segundo Freire (2010) apud Borges (2012 p. 51-52), o corpo não funciona como um recipiente no qual conteúdos são adicionados. O corpo aprende quando está em processo permanente de investigação. Estimular uma prática de dança investigadora, por si só instaura na sala de aula diálogos e discussões cujas situações problemas são colocadas para os alunos no intuito de que eles possam, por meio do corpo, criar suas respostas, no limite de cada um, diferentemente de situações que já se apresentam como “certezas”, em que o aluno não tem a opção de investigar.

Ou seja, mesmo que o balé clássico seja um ensino bastante sistemático, é possível e necessário se trabalhar a liberdade e o estudo de movimentos, abordando o conteúdo de forma que se adeque ao corpo daquele participante e dentro de seus limites, e no seu tempo, o execute e descubra novas possibilidades de se realizar aquele movimento. No entanto, tal liberdade só pode ser ofertada quando o docente dessa linguagem permite que ocorra e possibilita que os envolvidos participem. O interesse por proporcionar esse

estudo decomposto, desprendido da via de regras comum, tem que vir do próprio professor, é como as professoras que contribuíram nessa pesquisa, explanaram que inicialmente não tinham formação superior, quando começaram a dar aula, seguiam o modelo que viam nas academias de balé, porém, sentiram a necessidade de se especializar e entender como trabalhar com as diferentes faixas etárias na escola, oferecendo bem mais do que uma simples técnica, oferecendo um conhecimento completo, envolvendo a arte e a educação, como Ana Mae Barbosa<sup>2</sup> propõe em sua abordagem triangular, que o ensino da arte, deve englobar o contextualizar, o fazer e o apreciar.

Assim o professor deve ser estimulador do seu próprio trabalho, e de modo igual envolver os participantes. Quando iniciei a dar aulas já estava cursando dança na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e os estudos que vivenciava na graduação me envolviam de uma forma tão profunda que sentia a necessidade e a obrigação de desenvolver e passar para as minhas alunas essas novas descobertas. A imagem abaixo retrata uma das aulas em que trabalhei o que vivenciei na universidade.

Imagem 6. Aula temática “Da cintura para cima” estudando as movimentações dos membros superiores no balé aula aplicada no CEP.



Ithamara Silva, 2017.

---

<sup>2</sup> Professora de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Ana Mae Barbosa é uma das principais referências brasileiras em arte-educação, desenvolveu em sua pesquisa uma abordagem Triangular para o ensino das artes, concepção sustentada sobre a contextualização da obra, sua apreciação e o fazer artístico.

### **Cena 3: RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E RELAÇÃO GESTÃO ESCOLAR – PROFESSOR**

Pensar nessa relação é extremamente fundamental para um professor, pois independente da gestão escolar, o vínculo entre o docente e os discentes é que fará com que a criança se encante e crie suas conexões e aproximações com a dança. Criar uma mentalidade, de que, seguir apenas reprodução de movimento é suficiente, para a criança aprender esse código de dança é como prendê-la em um quadrado e apenas oferecer o mínimo de conteúdo acessível do balé, ou seja, apenas a mimese de movimentos. Borges (2012, p.35) fala que, é possível entender que, para que o aluno dance, não é preciso que seu aprendizado seja dividido, fragmentado em sequências de passos a serem decorados. Assim, torna-se importante repensar a prática do balé no ambiente da escola tradicional, não se tratando apenas de rearrumar a configuração da aula, alterando a ordem das sequências, modificando as roupas, mas de fato, repensar a lógica de funcionamento dessa prática. Desarrumar para poder arrumar de diversas formas, criando possibilidades de um processo que possa estimular de maneira criativa e crítica, o aprendizado do aluno.

Partindo desse entendimento que Borges (2012) expõe alguns problemas que acontecem nas escolas privadas de ensino regular podem ser evitados ou contornados pelo professor que entende essas diretrizes de ensino, sabe-se, que para desenvolver um entendimento na gestão escolar sobre essa prática e até uma abertura para outros códigos gestuais, leva-se tempo, e é um processo que necessitará e contará que o professor estude e pesquise, pois quando a gestão observa que o desenvolvimento nas aulas, e os segmentos vão além dessa reprodução quadrada de movimentos e conseguem, através desse docente “consciente”, ou seja, aquele que estuda e transforma o ensino desse código em outra representação, entender a importância de um novo olhar para o ensino da dança na escola, ocorre então, uma renovação no ensino dessa criança que, antes, só seguia a reprodução e imitação, mas agora, é criadora de sua própria movimentação.

## ÚLTIMO ATO

Esse trabalho iniciou-se fazendo um levantamento de algumas problemáticas que o professor de balé clássico provoca e enfrenta no contexto das escolas privadas de ensino regular, bem como, trazendo algumas reflexões acerca desse ensino nas escolas, acredito que ainda temos muito caminhos a trilhar para alcançar a tão desejada metodologia de um ensino bem pensado na dança dentro das instituições de ensino regular privado.

Sendo assim, as reflexões propostas a partir de Borges (2012), bem como, Pereira (2006), Carvalho (2005) entre outros contribuíram e foram relevantes para o diálogo construído neste artigo. Como diz Borges (2012, p. 84), longe da ideia de certeza, o concluir aqui delineado se apresenta como constatações provisórias acerca do assunto. Dessa forma, a conclusão não lembra nem de longe as linhas de um círculo que se fecha. Isso seria da ordem do impossível, pois o processo de construção de uma pesquisa é irreversível, segue a flecha do tempo e tal constatação destrói a possibilidade de trajetórias lineares, simplistas.

Penso que esses problemas ainda existentes no ensino da dança, e no balé, persistem, pois nós professores, que passamos anos em uma universidade, discutindo e problematizando esse ensino, quando saímos do ambiente universitário, acabamos aceitando e concordando com essa certa ignorância do conhecimento da dança proveniente das escolas, às vezes, por medo de perder o emprego ou por comodismo mesmo, afirmo isso, pois já vivenciei um período, em que trabalhei em uma escola na qual, não concordava com a questão de como era visto o ensino do balé, e acabei me silenciando de uma forma que terminei acomodada com uma abordagem repetitiva, sem trabalho, sem esforço e sem prazer.

Algumas professoras entrevistadas, como a Ana Tereza, também relatou ter passado por uma escola em que a gestão não aceitava ou acatava nenhuma das informações que ela fornecia a respeito de como trabalhar a dança. Por ser um trabalho de carteira assinada, a gestão por vezes a obrigava

a assumir papéis e lugares que não condiziam com as suas obrigações como professora de balé.

A concepção do balé na escola privada precisa transpassar o fazer dos movimentos por fazer, pensar no corpo, dentro dessa técnica, como uma prática investigativa, possibilitando ao aluno compreender as relações do corpo com o espaço/tempo/fluxo/peso. Segundo Borges (2012, p.87):

Vê-se que a dança não é reconhecida, ainda, como área de produção de conhecimento na escola privada, e não comunga com o que os PCNS indicam. Trata-se, portanto, de uma área profícua de estudos que merece pesquisas futuras, a saber: relação ensino/aprendizagem, formação de professores, e demais estudos que deem movimento a este cenário, e promova novos diálogos entre dança e educação.

Por isso, como citado acima, é importante que nos professores dessa área reafirmemos essa dança como lugar de conhecimento, buscando como profissionais uma postura de liberdade e flexibilidade para com os educandos, propiciando um caminho de descoberta e construção de ações corporais no ensino da dança. Em geral, o balé nas escolas privadas regulares já passou por muitas mudanças e transformações, no entanto, cabe a nós profissionais da área continuar informando e levando para os nossos gestores a concepção da dança, muito além de uma atividade extracurricular, como se encontra o balé, hoje nas escolas, passando para eles a dança como conteúdo educacional que pode ser incluído dentro da grade curricular da escola. Borges *apud* Marques (2001, p. 66) pensa que:

[...] seria interessante hoje, em nossas experiências educativas na área da dança, problematizarmos a possibilidade de viver o momento, de relativizar o tempo, de não prescrever disciplinas, de enfatizar a relação corporal consigo próprio e com o outro como vetor de um tempo contínuo, dinâmico, internalizado e sentido.

Em razão disso, a dança na escola necessita ter o intuito de impulsionar uma epistemologia, mais adequada para seus educandos. Assumindo, um papel de que, existem vários caminhos e modos, de se realizar e de chegar ao movimento desejado, e os alunos podem e devem fazer questionamentos



através das suas ações corporais, do seu corpo como propositor de ideias, despertando em si, a sensibilidade e a possibilidade de criatividade artística.

Esse estudo pretendeu aguçar um olhar mais crítico para o ensino do balé nas escolas privadas regulares, conferindo aos alunos uma garantia de estudo que englobe flexibilidade, criatividade e autonomia dentro das propostas educacionais. Levantando um desafio para que ocorra a quebra do paradigma clássico do balé nas escolas, a quebra das reproduções mecânicas, a não liberdade de expressão corporal. O balé na escola não precisa codificar o aluno, não precisa prendê-lo em ciclos repetitivos, mas precisa o fomentar a investigação, a fazer relações com outros códigos e com os acontecimentos atuais que rodeiam o mundo. Assim sendo, faço das palavras de Borges (2012 p.86) as minhas, quando diz que:

Na experiência como educadora/propositora, que testa as ideias em sala de aula, torna-se evidente que a educação emerge da articulação das informações, da complexidade, que não segue por uma linearidade, ao contrário de se instituir como roteiro a ser seguido, se faz no entender de como os corpos constroem argumentos particulares, num processo de troca, de acordos entre ambiente, corpo que se contamina e se conecta das mais diversas formas e emerge como produção coletiva

Finalizo por aqui, deixando esses questionamentos e reflexões não só para os professores de balé, mas, para qualquer um que atua com a dança nas escolas e que se restringem apenas a mimese e a reprodução.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, J. Das danças de rituais ao Ballet clássico. **Revista Ensaio Geral**, Belém. Jan – Jun /2009.

BORGES, L. S. P. **O ensino da dança na escola formal: uma análise da inserção das academias de balé em escolas privadas de Salvador**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2012.

CARVALHO, K. A. P. S. **Bastão em punho – o relacionamento professor – aluno no ensino de ballet**. 2005. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, 2005.

CAMINADA, E. **História da Dança**: uma evolução cultural. Rio de Janeiro, Sprint, 1999.

DAMÁSIO, C. A dança para crianças. In: PEREIRA, R.; SOTER, S. (orgs.). **Lições de dança 2**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000.

GITELMAN, C. **Dança moderna americana**: um esboço. Pro-Posições, Campinas, v. 9, n. 2, p. 55-61, jun. 1998.

HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero**: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARQUES, I.; BRAZIL, F. O que ensina a arte? **Carta Maior**, 2005. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/O-que-a-arte-ensina-/12/7739>

PEREIRA, R. **A formação do balé brasileiro**: nacionalismo e estilização. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

PEREIRA, R. Gruas vaidosas. In: PEREIRA, R.; SOTER, S. (Org.). **Lições de Dança 1**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UniverCidade, 2006.

PEREIRA, S. R. C. et all. Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**. Porto Alegre, n. 25, 2001.

SUCENA, E. **A dança teatral no Brasil**. Rio de Janeiro, MinC/Fundacen, 1988.

## **APÊNDICE– Questionários com as professoras de balé**

### **PERGUNTAS:**

1. Por quantos anos trabalhou ou trabalha com o balé nas escolas privadas da rede de ensino privado regular?
2. Quais as primeiras dificuldades enfrentadas no início da docência com o balé e quais as atuais?
3. Como é visto o balé pelas instituições que trabalhou ou ainda trabalha?
4. Quais as cobranças impostas pela gestão escolas? Era obrigatório a participação nas datas comemorativas?
5. Quais os cursos profissionalizantes eram oferecidos para tornar docentes de balé clássico infantil?
6. Nas escolas em que trabalhou até que período era aberto para se matricular no balé? E qual a idade mínima para participar?
7. Qual a sua concepção sobre o balé nas escolas?

### **RESPOSTAS:**

PROFESSORA 1 - Juliana Claudino Ferreira. Formada em Balé Clássico pela Escola do Teatro Alberto Maranhão (EDTAM) e Educação física – Licenciatura pela Universidade Potiguar (UNP).

1. Até hoje, já são 14 anos que trabalho com o balé nas escolas.
2. Inicialmente as dificuldades que encontrei foram a falta de espaço físico adequado, por vezes a escola queria muito a inserção do balé na instituição, porém não tinha estrutura ou espaço para ministração de aulas de dança, além do material necessário e específico para a aula.

3. Até hoje algumas ainda tem a visão mercadológica, mesmo havendo o diálogo com a gestão e explicando o papel da dança na educação o fator monetário ainda pesa bastante.
4. As cobranças sempre foram para as participações nos eventos e datas comemorativas. Sim, o professor tem que obrigatoriamente participar nessas festividades.
5. Geralmente eu procurava os cursos, como é até hoje, porém quando comecei não conhecia muito os cursos que eram oferecidos, e ao longo do tempo fui cursar a graduação em Educação Física que também auxiliou bastante nas aulas com as crianças.
6. Sempre é aberto para os pais matricular as crianças no início do ano, porém em qualquer período a escola permite que os alunos entrem na turma do balé. A partir dos 3 anos as crianças já podem fazer aula.
7. Acho ainda bastante desvalorizado, nem toda escola compreende a importância da dança para o contexto escolar. Acredito que nos professores precisamos tentar mudar mais esse pensamento nas escolas, é importante também que o docente entenda o tempo de cada criança, pois assim como nós adultos, precisamos de um tempo para desenvolver, compreender, executar, uma criança que está na fase inicial vai descobrir ainda as diversas possibilidades corporais que ela pode e é capaz de alcançar.

PROFESSORA 2 - Ana Tereza Vasques Abreu. Formada em Pedagogia e Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Já são aproximadamente 13 anos, comecei bem nova em uma escola próxima a minha casa.
2. As maiores dificuldades que tive inicialmente foi a questão da minha idade, como comecei com 17 anos a dar aula, os pais não

acreditavam muito na minha capacidade, após isso tive bastante dificuldade nas escolas que não compreendiam o ensino do balé para as crianças, uma das escolas não acatava nenhuma das propostas metodológicas que eu forneci a respeito de como trabalhar com a dança, e como era carteira assinada muitas vezes tive que assumir papéis que não condiziam com o meu de professora de balé. Hoje em dia já procurei ficar nas escolas que me dão maior disponibilidade para trabalhar, e abertura para desenvolver uma metodologia mais consciente, nelas tenho um bom desempenho com os gestores que sempre me possibilita manter um relacionamento não apenas com os alunos mais também com os pais.

3. Teve uma escola que só se importava com o dinheiro, inclusive me cobrava se alguma aluna saísse da turma do balé, e já teve até um momento em que a gestão me pedia para cobrar aos pais que não pagavam a mensalidade do balé. Nas escolas que estou atualmente depois que conversei e esclareço tudo a gestão me dá total liberdade para desenvolver meus trabalhos, inclusive nessas escolas já acrescentei em um dos dias do balé uma aula só de conhecimento do corporal.
4. As maiores cobranças são sempre para as participações nas festividades, e sempre o professor é obrigado a participar.
5. Quando comecei eu conhecia os cursos que eram oferecido nos festivais de dança em Joinville em Santa Catarina, depois ingressei no curso de graduação em dança na UFRN.
6. Durante todo o ano é aberto para as crianças se maticularem, porém sempre combino com a gestão que quando atingir o número de quinze alunas fecha a turma. Geralmente com 3 anos, porém sempre faço uma aula teste para ver se a criança consegue acompanhar.
7. Acho sempre importante a presença da dança na escola, e o balé quando trabalhado da forma correta traz bastante benéficos para

a criançada, mas muitas vezes o profissional não tenta procurar um caminho diferente para encantar a criança e acaba jogando um número de movimentações inadequadas para a maturidade física ou simplesmente, como já presenciei muitas colegas de trabalho que não entendem a necessidade do desenvolvimento metodológico nas aulas de balé infantil e acabam achando que só colocar músicas da Xuxa e deixar as crianças dançarem se torna uma aula de balé.

PROFESSOR 3 - Larissa Kelly de Oliveira Marques – Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Trabalhei aproximadamente por 7 anos nas escolas privadas com o balé clássico.
2. Eu ainda era muito jovem, comecei a ministrar aulas com apenas 17 anos, então as maiores dificuldades era adequar o ensino do balé para as diferentes faixas etárias na escola privada.
3. O balé era visto como uma atividade extracurricular de dança na escola
4. As duas escolas em que trabalhei tinha bastante flexibilidade nas atividades, as vezes o grupo do balé era convidado para fazer uma demonstração de movimentos nas festividades ou períodos festivos mas não tinha muita questão obrigatória.
5. No início não conhecia muitos cursos, a formação que tinha era da escola técnica de balé clássico, depois de um tempo foi que ingressei na faculdade de Educação Física, participei de um curso em São Paulo no Balé Cisne Negro para balé infantil, e com isso fui desenvolvendo o lúdico juntando com as discussões e reflexões do curso e da universidade.

6. Como era uma atividade extracurricular, tinha abertura no início do ano letivo, porém uma vez ou outra entrava uma criança no período das festividades juninas. Sempre passei para a escola, com respaldo teórico que a idade ideal para iniciar as aulas de balé seria depois dos 3 anos de idade, então a criança iniciaria os estudos em balé com 4 anos.
7. Hoje vejo o balé como um conteúdo que pode ser desenvolvido dentro da dança, trabalhando em um semestre, ou durante um ano, envolvendo não só o fazer, mas também o contextualizar e o apreciar, fazendo com que essas crianças entendam esse código, não só ele, mas como todos os conteúdos que abarcam a dança e seu contexto educacional.